

# TRADUÇÃO

## ***Exortação aos alemães, de Friedrich Nietzsche***

### **Apresentação da tradução**

*Henry Burnett*

Professor de Filosofia na UNIFESP.

Escrito a pedido de Richard Wagner por intermédio de Emil Heckel – amigo, grande incentivador do compositor e responsável pela fundação de inúmeras organizações em torno da sua obra em Leipzig, Berlim e Viena –, o *Mahnruf an die Deutschen* foi redigido a contragosto por Nietzsche. Sua função, como mostra o título, era servir como apelo e encorajamento ao povo alemão, com a finalidade específica de arrecadar fundos para a continuidade do projeto wagneriano. Considerando o lugar secundário que o texto ocupa no conjunto das obras do período, a correspondência torna-se fundamental para elucidar as circunstâncias em que foi escrito. Façamos uma breve incursão em algumas cartas, antes de passar ao texto. Na primeira carta que faz referência ao *Mahnruf*, endereçada a Carl von Gersdorff em 18 de outubro de 1873, encontramos a posição inicial de Nietzsche: “Me pedem um ‘chamado à nação alemã’ em favor de Bayreuth. Será feito, como dizia Tausig [Karl Tausig (1841-1871), pianista, HB].”<sup>1</sup>

Podemos notar já no início do texto um forte pendor nacionalista. Ao falar “em honra do espírito e do nome alemão”, Nietzsche parece dar vazão a uma aspiração do próprio Emil Heckel e de seu mentor, mas não podemos tributar essa inclinação apenas ao emissário de Wagner e nem mesmo apenas ao compositor. Nietzsche não deixa de ser, naquele momento, um partidário a mais do programa de expansão da “Obra de arte total”, mesmo em sua face por assim dizer “estatal”.

---

1. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe* (KSB). 2. Auflage. Berlin/New York: Walter de Gruyter/DTV, 2003, vol. 4, p. 165.

Prova disso é a citação que faz, numa carta a Erwin Rohde, de um poema do escritor nacionalista e antisemita Ernst Moritz Arndt. No entanto, na referida carta, datada de 18 de outubro de 1873, Nietzsche manifesta incômodo em ter que redigir o texto encomendado, aparentemente reagindo a outra carta, enviada a ele pelo próprio Heckel com um guia para a redação da exortação, como se ele devesse apenas subscrever ideias pré-definidas:

Todas as coisas novas são mesmo terríveis, como eu tive a ocasião de experimentar já nos primeiros dias do novo ano. Novo, por exemplo, foi o convite que recebi para escrever, por encomenda do comitê organizador, um manifesto ao povo alemão (falando com respeito) a favor da obra de Bayreuth. Enfim, este convite é terrível: em outra ocasião eu já havia tentado espontaneamente algo parecido, sem conseguir levar a cabo. Por isso meu amigo, te imploro com insistência e de coração que me ajude, pois quem sabe unindo as nossas forças conseguiremos domar o monstro. O sentido da proclamação, da qual te peço que escrevas um esboço, é que grandes e pequenos façam doações em dinheiro em suas casas de música, até onde ressoe a língua alemã [esta última frase é a referência ao poema de E. M. Arndt, "Des Deutschen Vaterland" (1813), HB]; eles poderiam ser incentivados a esse ato pelos seguintes motivos (segundo sugestão de Heckel, partida do próprio Wagner): 1. Significado do empreendimento e significado do seu idealizador. 2. É uma vergonha para a nação que um empreendimento dessa grandeza, no qual todos os sócios participam com máximo altruísmo e sacrifício pessoal, possa ser retratado e prejudicado como se fosse o lance de um charlatão. 3. Comparação com outras nações: se na França, na Inglaterra ou na Itália um homem que deu ao teatro cinco obras, à revelia dos poderes estatais, apresentadas e aplaudidas de norte a sul; se esse homem afirmasse: 'Os teatros existentes não correspondem ao espírito da nação, são uma vergonha como instituições públicas de arte, ajudem-me a preparar um local para o espírito nacional!', não iriam todos em seu socorro, nem que fosse por sentimento de honra? etc., etc. Ao final [do texto, HB] seria preciso voltar a chamar atenção para o fato de que em todas as livrarias e casas de música alemãs (3.946), disponíveis para dar qualquer informação, ficariam listas para a inscrição etc. Não desanime, querido amigo, e vá em frente; eu tenho a intenção de fazer o mesmo, mas, dadas as condições miseráveis de meu coração e de minha barriga, não posso assumir isso sozinho. Além do

mais, é algo urgente. Posso então contar imediatamente com uma página redigida em estilo napoleônico?<sup>2</sup>

A carta de Heckel a Nietzsche se perdeu, mas é digno de nota que, um dia depois da carta a Rohde, portanto em 19 de outubro, Nietzsche responda a Heckel com um tom bem menos dramático que o da carta acima:

Estimadíssimo Sr. Heckel,

o que me pediste será feito.

Seu convite para as livrarias me parece muito bom e, em geral, todo o projeto fala ainda uma vez em favor do seu autor [Richard Wagner, HB]. Deixe-me seu esboço ainda por uns dias para que eu possa examiná-lo profundamente; logo eu talvez possa mandar juntamente com o meu. No caso de minha saúde permitir, de um modo ou de outro irei dia 30 deste mês a Bayreuth. Quero mandar imprimir aqui certo número de cópias do meu esboço: é o melhor a fazer, para poder ter uma visão de conjunto e eventualmente corrigi-lo.<sup>3</sup>

Certamente a sensação de que Bayreuth pudesse ser uma “ilusão”, como se lê em certo momento, pode ter sido em parte responsável pela rejeição do texto. Apesar de ter sido aprovado pelo próprio Wagner, o comitê considerou-o radical demais. Logo após a primeira impressão, Nietzsche o enviou pessoalmente a Wagner, acompanhado de uma carta de 25 e 26 de outubro de 1873, onde lemos:

Aqui vai, querido maestro, meu esboço. É verdade que gostaria de tê-lo lido com o devido *Pathos*, mas me parece hoje melhor que ele chegue o quanto antes às suas mãos. Caso ele atenda aos seus propósitos (irritar os maus e reunir e encher de ardor os bons *por meio desta indignação*), acharia interessante que fosse feita imediatamente uma tradução francesa, outra italiana, e talvez uma inglesa, por motivos óbvios. Parece-me que deveria *subscrevê-lo* não apenas um comitê promocional, mas antes uma pequena frente, *eleita* por nós, de pessoas de variados estados e classes (nobres, empregados, políticos, padres, estudiosos, negociantes e artistas). A cada um desses pré-selecionados enviaríamos um exemplar da exortação perguntando se gostariam de assiná-la. Levarei comigo exemplares sufi-

---

2. KSB 4, 166-7.

3. KSB 4, 169.

cientes para tornar isso possível. Quando tivermos as notícias, faremos o quanto antes a impressão definitiva. Um breve pós-escrito de caráter técnico-prático deveria ser anexado à exortação, abaixo das assinaturas; discutiremos tudo isso em breve. Eu chego quinta-feira à tarde. Com lealdade e afeto, seu F. N.<sup>4</sup>

Sabemos que, por fim, acabou sendo utilizado, por recomendação do próprio Nietzsche, outro texto, escrito por Adolf Stern, professor de literatura alemã. Em uma carta escrita poucas semanas depois da resposta a Heckel e da carta a Wagner, Nietzsche descreve todo o ambiente da sua participação na reunião do comitê wagneriano em Bayreuth, onde o seu texto foi debatido. A carta foi endereçada a Carl von Gersdorff em 07 de novembro de 1873:

Queridíssimo amigo,

(...) Estive viajando desde a quarta à tarde até o domingo de manhã, sozinho na ida e com Heckel na volta. Em Bayreuth se reuniram cerca de uma dezena de pessoas, todos delegados das associações [wagnerianas, HB], e eu era o único patrocinador propriamente dito. (...)

No dia exato da festa fez aquele tempo horroroso que tu conheces bem, o mesmo da festa da fundação, e assim uma vez mais, ao visitar a cabana de nosso pacto, vestido com solenidade como convém a um patrocinador, tive que sacrificar um chapéu novo. Bem entendido: o dia anterior e o posterior foram maravilhosos, o céu era azul e brilhante. Depois da visita dentro da lama, no nevoeiro e na escuridão, aconteceu a sessão principal na sala do conselho municipal, durante a qual minha exortação foi rejeitada pelos delegados de modo gentil, mas decidido; de minha parte, fui contra a ideia de uma revisão [do texto] e propus que o professor Stern redigisse imediatamente outro apelo. Em compensação, foi aprovada a excelente proposta de Heckel de montar pontos de coleta em todas as livrarias alemãs. Toda a sessão foi estranha, um tanto sublime e muito realista, mas sem dúvida suficientemente forte no conjunto para explicitar todos os projetos de loteria e afins, que eram as razões da assembleia. A noite encerrou um banquete ao sol muito bom, agradável e inocente, do qual tomaram parte – sendo as únicas mulheres – a senhora Wagner e a senhorita von Meysenbug. Eu tinha o lugar de honra entre as duas e por isso me apelidaram de Sargino, que em uma ópera italiana é o pupilo do amor. (...) No

---

4. KSB 4, pp. 171-2.

sábado pela manhã aconteceu a sessão final na casa de Feustel [banqueiro de Bayreuth, colaborador da causa wagneriana, HB], onde foi aprovado o rascunho de Stern. Vais ler, porque ele ganhará muita publicidade. Minha exortação, que Wagner considerou muito boa, voltará ao primeiro plano, assinada por nomes importantes, no caso do apelo otimista recente não atingir seu objetivo. À tarde fomos ver o novo teatro, com um belíssimo pôr-do-sol; havia também crianças; subi até o centro do palco real: o edifício se mostra muito mais belo e harmônico do que se pode auferir nos projetos. Em um dia claro de outono não pode ser contemplado sem que se fique emocionado. Agora teremos uma casa, este é agora nosso símbolo.<sup>5</sup>

Em algumas passagens podemos notar o quanto, por um lado, Nietzsche se permitiu arroubos nacionalistas, como vimos na ambígua referência a Arndt, ao mesmo tempo que, por outro lado, o texto pode ter sido rejeitado pelo que nele é, paradoxalmente, digamos, pouco alemão: a vigorosa denúncia contra o descompasso entre a obra em questão e seus ouvintes locais. Logo em seguida Nietzsche fará menção aos franceses, ingleses e italianos, contrapontos à limitação germânica. Talvez pudéssemos considerar esta confrontação como o germe que anos depois faria Nietzsche opor Bizet a Wagner? De certo modo, mas não apenas isso: apesar de seu lugar aparentemente secundário, o *Mahnruf an die Deutschen* expõe o início de um momento muito crítico da relação entre Nietzsche e Wagner, e que pouco depois seria decisivo, como afirma Giuliano Campioni em relação a "Richard Wagner em Bayreuth", escrito três anos depois da exortação: "Desse modo, não se dá conta de quanto o escrito sobre Wagner em Bayreuth, aparentemente apologético, já era para Nietzsche, entretanto, um colocar-se radicalmente em jogo (...) tendo em si a crise da centralidade da arte e do seu fundamento metafísico"<sup>6</sup>. De certo modo, no pequeno texto de 1873 reside essa mesma sensação.

---

5. KSB 4, 174 e ss.

6. CAMPIONI, G. Doença e "espírito livre": reflexões autobiográficas nas cartas de Nietzsche de 1875 a 1879. In: Ivo da Silva Junior (Org.) *Filosofia e cultura*. São Paulo: ed. Barcarolla, 2011.

**Referências bibliográficas:**

- BURNETT, H. Nietzsche em Bayreuth. In: *Revista Discurso*, nº 37 e In: *Música e Filosofia*, São Paulo: ed. Alameda, 2007, pp. 217-259.
- CAMPIONI, G. Doença e "espírito livre": reflexões autobiográficas nas cartas de Nietzsche de 1875 a 1879. In: Ivo da Silva Junior (Org.) *Filosofia e cultura*. São Paulo: ed. Barcarolla, 2011.
- NIETZSCHE, F. *Epistolario di Friedrich Nietzsche 1869-1874*. A cura di Giuliano Campioni e Mazzino Montinari. Traduzione di Chiara Colli Staude. Adelphi Edizioni, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Kritische Studienausgabe* (KSA). Neuausgabe. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter/DTV, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe* (KSB). 2. Auflage. Berlin/New York: Walter de Gruyter/DTV, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Correspondencia II, Abril de 1869 – Diciembre 1874*. Traducción y notas a las cartas de José Manuel Romero Cuevas y Marco Parmeggiani. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

## Exortação aos alemães<sup>1</sup>

*Friedrich Nietzsche*

---

Queremos ser ouvidos pois falamos como sentinelas, e seja quem for o sentinela e onde quer que ressoe sua voz, terá sempre o direito de se fazer ouvir; para isso, vocês, a quem esta mensagem se dirige, têm o direito de decidir se querem acolher seus sentinelas como homens honestos e inteligentes que somente elevam a voz porque vocês estão em perigo, e eles estão temerosos por encontrá-los tão calados, indiferentes e desprevenidos. Mas devemos atestar por nós mesmos que falamos isso com o coração puro, e que queremos e procuramos o que julgamos ser nosso na medida em que também é de vocês – sobretudo o bem-estar e a honra do espírito e do nome alemão.

Isso lhes foi anunciado no mês de maio do ano passado, na festa celebrada em *Bayreuth*: ali foi depositada uma poderosa pedra fundamental, sob a qual sepultamos para sempre muitos dos nossos temores, e por meio dela acreditamos que, finalmente, nossas mais nobres esperanças venceriam – ou melhor, como devemos dizer hoje, julgávamos que tais esperanças teriam vencido. Entretanto, infelizmente, havia muita ilusão nisso: agora, estes temores ainda vivem, e mesmo que jamais desaprendamos a ter esperanças, este nosso apelo e pedido de ajuda dá a entender que mais tememos do que acreditamos. Nosso temor, entretanto, se volta para vocês, que não gostariam de saber o que está acontecendo e, talvez por desconhecimento, evitar que algo aconteça. No entanto, faz muito tempo que ser tão ignorante não é algo digno; e podemos ir ainda mais longe ao afirmar que nos parece quase impossível que alguém permaneça nessa situação ainda hoje, depois que o grande, valente, indomável e irresistível combatente *Richard Wagner* se tornou responsável durante décadas, diante da extasiante atenção de quase todas as nações, por ideias a que sua obra de arte em *Bayreuth* deu forma máxima e uma consumada perfeição

---

1. A primeira versão desta tradução foi apresentada na sessão do GT Nietzsche no XV Encontro Nacional da ANPOF, em outubro de 2012.

verdadeiramente triunfal. Se ainda assim vocês não pretenderem sequer desenterrar o tesouro que está pronto para ser entregue em suas mãos, o que acham que isso pode expressar? Isto é o que vocês deverão sempre repetir, pública e enfaticamente, para que saibam o que isso significa nos dias atuais e também para que jamais tenham em mãos novamente a opção de representar o papel de ignorantes. Porque de agora em diante todas as nações serão testemunhas e juízes do espetáculo que vocês oferecerão e em seu espelho poderão voltar a encontrar de maneira quase fiel sua própria imagem, com os mesmos traços que um dia serão expostos com justiça à posteridade.

Suponhamos que, munidos de ignorância, desconfiança, artíficios, cinismo e calúnias, vocês afirmem que o que se construiu sobre a colina de Bayreuth não passa hoje de ruína inútil; pensemos ainda que, providos de má vontade, vocês nem sequer admitam que se tornou realidade uma obra acabada, ou que nem sequer admitam que ela produziu seu efeito e deu testemunho de si mesma: nesse caso, terão que reechar o juízo da posteridade na mesma medida que haverão de sentir vergonha em presença dos seus contemporâneos não alemães. Se um homem na França, ou na Inglaterra, ou na Itália, depois de ter apresentado o teatro com cinco obras de um estilo particularmente grande e poderoso, à revelia de todos os poderes e opiniões públicas – e ainda aplaudidas e aclamadas de norte a sul –, se este homem afirmasse que “os teatros atuais não estão em conformidade com o espírito da nação, e mais, tomados como arte pública são uma desonra; ajudem-me a erguer um espaço digno do espírito nacional”, não estaria toda a nação pronta para auxiliá-lo, ainda que fosse em nome da honra? Sem nenhuma dúvida! Atuaria nesse caso não apenas a honra ou o temor cego diante da péssima difamação; vocês poderiam compartilhar com ele dos sentimentos, dos ensinamentos e da sabedoria; vocês poderiam, do fundo do coração, compartilhar alegrias tão logo estivessem decididos a ajudar. Todas as suas ciências estarão generosamente equipadas com laboratórios caríssimos, e ainda assim vocês pretendem ficar à margem, sem mover um só dedo quanto à possibilidade de construir para o promissor e ousado espírito da arte alemã um laboratório semelhante? Poderiam indicar um momento na história da nossa arte em que foram colocados tão importantes problemas para serem resolvidos, um momento que tenha apresentado tal oportunidade para levar a cabo experiências tão fecundas que o momento presente, em que o pensamento que é designado por Richard Wagner pelo nome de obra de arte do futuro devesse tornar o presen-



te vivo e visível? E que movimento dos pensamentos, das ações, esperanças e talentos é introduzido com isso, de modo que emergja ante aos olhos dos coniventes representantes do povo alemão o monumental edifício de quatro torres de acordo com o ritmo a ser adquirido apenas por seu criador, esse tal movimento em longo, fecundo e esperançoso tempo – quem gostaria de ser inteligente o bastante para querer pressentir [isto] aqui também! Em todo caso, o iniciador de tal movimento não teria toda a responsabilidade se a onda começasse logo a enfraquecer e a superfície voltasse à calma como se nada tivesse acontecido. Se nossa primeira preocupação é que a obra seja realizada, não escaparemos da segunda, não resta dúvida, tal movimento em longo, fecundo e esperançoso tempo – quem gostaria de ser inteligente o bastante para querer pressentir aqui também o gigantesco e iminente efeito com a mesma amplitude e profundidade que lhe são correspondentes.

Acreditamos que em todos os lugares onde Richard Wagner causou intrigante impacto, ou costuma causar, reside oculto um grande e fecundo problema de nossa cultura. Ora, esse escândalo deu lugar, quando muito, a críticas vazias e risíveis, e quase nunca levou a pensar seriamente. O que nos fica nessas ocasiões é a impressão da suspeita humilhante de que talvez o famoso “povo dos pensadores” já tenha deixado de pensar e talvez tenha trocado o pensamento pela arrogância. Quantos discursos equivocados será preciso rebater para, de um lado, simplesmente insistir para que não se confunda o acontecimento de Bayreuth em maio de 1872 com a fundação de um novo teatro e, de outro, mostrar que o sentido daquele empreendimento não pode ser comparado a nenhum dos teatros que existem? Quantos esforços serão necessários para mostrar àqueles que estão cegos, intencional ou espontaneamente, que sob o nome de “Bayreuth” não se pode considerar tão somente uma reunião de algumas pessoas, algo que se assemelhe a um partido com afinidades musicais próprias, mas sim toda uma nação, inclusive para além das fronteiras da nação alemã, para quem o enobrecimento e purificação da arte dramática está no coração, bem como para aqueles que entenderam o maravilhoso presentimento de Schiller, segundo o qual a partir da ópera a tragédia se converterá em um espetáculo nobre?<sup>2</sup> Quem, entretanto, não tiver

---

2. Sobre o Festival de Bayreuth, a IV Extemporânea “Richard Wagner em Bayreuth” permanece como um dos documentos máximos entre os textos de

desaprendido sua capacidade de pensar – ainda que apenas em nome da honra –, esse deverá sentir e proteger uma tal natureza artística como um fenômeno *moral* digno de reflexão, uma decisão que deve ter suporte altruísta e estar disposta ao sacrifício de todos que dela participam, e que, além disso, deve converter-se em uma profissão de fé expressa seriamente representada por eles mesmos, a saber: que pensem a arte alemã de modo digno e sublime e que, sobretudo, esperem da música alemã e de sua ação transfiguradora sobre o drama popular o incentivo mais importante de uma vida original forjada com traços alemães. Por isso, acreditemos sobretudo em algo mais elevado e universal: o povo alemão só irá aparecer às outras nações como digno de veneração *quando demonstrar que é temível, algo que pela extrema tensão de suas mais nobres forças artísticas e culturais se quer esquecer.*

Pensamos que, neste momento, era um dever relembrar nossa tarefa alemã e que era essa a hora de se cumprir isso, no instante em que precisamos exigir com todas as forças que se dê suporte a uma grande ação artística do gênio alemão. Onde quer que se tenha mantido em nossa época centros de reflexão rigorosos, é de lá que esperamos ouvir uma voz generosa e cheia de simpatia. Não se convocarão gratuitamente Universidades, Academias e Escolas de Belas-Artes da Alemanha para que, individual ou coletivamente, se mostrem de acordo com o pedido exigido; da mesma forma, os representantes políticos da prosperidade alemã no parlamento e nos regimes locais terão grande ocasião para admitir que o povo carece, mais do que nunca, de purificação e consagração por meio de sublime encantamento e pavor da genuína arte alemã, a não ser que os impulsos fortemente excitados da paixão política, e os arroubos que descrevemos na fisionomia de nossa vida, a procura da felicidade e do prazer, façam que nossos descendentes tenham que confessar que nós, os alemães, começamos a nos perder de nós mesmos quando finalmente conseguimos nos reencontrar.

---

Nietzsche. Comentei esse escrito num artigo intitulado "Nietzsche em Bayreuth", Revista Discurso nº 37, "Música e Filosofia", São Paulo, ed. Alameda, 2007, pp. 217-259. (H.B.)